

**ALEITAMENTO MATERNO: A VISÃO DE PUÉRPERAS ASSISTIDAS EM UMA
MATERNIDADE ESCOLA DE MACEIÓ, ALAGOAS**

**BREASTFEEDING: THE VIEW OF PUERPERAL ASSISTANTS IN THE SCHOOL
MATERNITY OF MACEIÓ, ALAGOAS**

Micaely Cristina dos Santos Tenório

Graduanda em nutrição pela Faculdade de Nutrição (FANUT) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: micaely.tenorio@hotmail.com

Tauane Alves Dutra

Graduanda em nutrição pela Faculdade de Nutrição (FANUT) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: tdutra7@gmail.com

Gabriela Oliveira de Moraes

*Graduanda em nutrição pela Faculdade de Nutrição (FANUT) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail:
gabrielaom.nutricao@gmail.com*

Alane Cabral Menezes de Oliveira

Professora adjunta da Faculdade de Nutrição (FANUT) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: alanecabral@gmail.com

Resumo:

Objetivo: Descrever a visão de puérperas assistidas em uma maternidade escola de Maceió-Alagoas sobre o tema aleitamento materno. **Métodos:** Estudo transversal realizado com puérperas sob alta hospitalar assistidas na maternidade do hospital universitário da capital, por meio da aplicação de questionário padronizado. Resultados expressos por meio de médias e desvios-padrões, frequências. **Resultados:** Foram incluídas 207 puérperas, das quais 20,3% não estavam amamentando. Das que estavam em aleitamento materno, 21,0% relataram dificuldades em amamentar; 22% não sabiam os sinais corretos de pega do bebê ao seio materno. **Conclusão:** Boa parte das mulheres conhecia os benefícios do aleitamento materno, porém ainda existem muitas dúvidas.

Palavras-chave: Estudo transversal; Aleitamento materno; Maternidade.

Abstract

Objective: To describe the view of puerperal assistants in a maternity school in Maceió-Alagoas on the topic of breastfeeding. **Methods:** A cross-sectional study carried out with postpartum women undergoing hospital discharge assisted in the maternity hospital of the university hospital of the GEPNEWS, Maceió, a.2, v.1, n.4, p.13-24, out./dez. 2018

capital city, through the application of a standardized questionnaire. Results expressed through means and standard deviations, frequencies. **Results:** 207 puerperae were included, of which 20.3% were not breastfeeding. Of those breastfed, 21.0% reported difficulties in breastfeeding; 22% did not know the correct signs of the baby's birth to the breast. **Conclusion:** Most women knew the benefits of breastfeeding, but there are still many doubts.

Keywords: Cross-sectional study; Breastfeeding; Maternity.

INTRODUÇÃO

Amamentar é um ato natural que proporciona afeto, proteção e nutrição adequada, bem como fortalece o vínculo mãe e filho. Além de ser uma prática de alimentação econômica e segura, apresenta uma série de outras vantagens, pois previne a morbimortalidade infantil por diarreias, infecções, alergias alimentares, bem como tem efeito positivo sobre a inteligência e melhora do desenvolvimento da cavidade oral infantil; para a mulher, facilita uma involução uterina mais precoce, reduz o sangramento pós-parto e tem sido associado a uma menor probabilidade de câncer de mama, de útero, entre outros tipos (LEVY; BÉRTOLO, 2012; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

Em face desse contexto, nas últimas décadas o Brasil vem desenvolvendo múltiplas ações que objetivam direta ou indiretamente promover, proteger e apoiar o aleitamento materno, resultando em avanços significativos nos indicadores de aleitamento materno no País (VIEIRA et al., 2015). Todavia, estudos realizados no Nordeste brasileiro apontam que a duração do aleitamento materno ainda está aquém do recomendado (OLIVEIRA et al., 2013; CAVALCANTI et al., 2015).

A interrupção precoce da amamentação possui relação direta com o desconhecimento materno sobre as vantagens desta prática e também ao despreparo dos profissionais de saúde em orientar as mães (MARQUES; COTTA; PRIORE, 2011; CHAVES; LAMOUNIER, CÉSAR, 2007). Neste sentido, Wallenborn et al. (2017), avaliando o conhecimento sobre o tempo de aleitamento materno de mulheres nos Estados Unidos, observaram que aquelas sem conhecimento de recomendações exclusivas sobre amamentação (aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de idade) apresentaram 11% mais riscos (Razão de risco ajustada (HR) = 1,11; 95% Limite de

confiança (CL) = 1,02-1,22) de descontinuação da amamentação exclusiva em comparação àquelas com conhecimento sobre essas recomendações.

Assim, investigar o conhecimento das nutrizes sobre o aleitamento materno pode conduzir ações de incentivo e apoio a sua prática, e assim poder nortear os profissionais de saúde para uma melhor abordagem e suporte frente às possíveis complicações.

Portanto, o presente estudo tem como objetivo descrever a visão de puérperas assistidas em uma maternidade escola de Maceió-Alagoas sobre o tema aleitamento materno.

MÉTODOS

Estudo transversal realizado com puérperas sob alta hospitalar assistidas na maternidade do hospital universitário do município de Maceió, capital do estado de Alagoas, no ano de 2015. O presente estudo é parte de um projeto maior intitulado “SOS Amamenta: Promovendo, protegendo e apoiando o aleitamento materno no Hospital Universitário de Maceió-Alagoas”.

As puérperas foram selecionadas de forma aleatória para participar do estudo, onde eram identificadas a partir da avaliação de prontuário individualizado situado no posto de enfermagem, considerando os seguintes critérios de inclusão: ser puérpera usuárias do hospital universitário provenientes do estado de Alagoas; mulheres aptas para amamentar, ou seja, aquelas que não apresentavam contraindicações médicas para a prática da amamentação; mães de recém-nascidos que pudessem ser amamentados e aquelas sob alta hospitalar. Não foram admitidas no estudo, mulheres em estado clínico grave, aquelas que tiveram recém-nascidos de gestações múltiplas e as provenientes de outra localidade que não fosse do estado de Alagoas.

Para o cálculo amostral utilizou-se o programa Statcalc do Epi Info versão 7.0, considerando-se a prevalência de menores de um ano que não mamaram na primeira hora de vida na cidade de Maceió (BRASIL, 2009), um erro amostral de 5% e um nível de confiança de 95%, o que adicionado de 20% para compensar perdas, seriam necessárias 196 puérperas para a pesquisa. A coleta de dados foi realizada por graduandos do curso de nutrição através de entrevista face a face com a própria puérpera, orientada por um formulário padronizado pelo grupo de pesquisa com perguntas de fácil compreensão e diretas, onde foram coletadas as seguintes informações: socioeconômicas, situação conjugal, sobre a prática e conhecimento a cerca do aleitamento materno.

Os dados foram processados utilizando-se o aplicativo SPSS versão 20.0, sendo apresentados por meio de médias e respectivos desvios-padrões e frequências.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (Protocolo nº 1.073.536). Todas as participantes do estudo após terem sido informadas sobre a pesquisa concordaram em participar e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). No caso das adolescentes o consentimento foi assinado pelo responsável legal da menor.

RESULTADOS

Foram entrevistadas 207 puérperas, com idade média de $23,9 \pm 6,8$ anos, sendo 10,6% com idade ≥ 35 anos e 31,0% adolescentes (10-19 anos), destas últimas, 7,3% tinham idade ≤ 15 anos. Do total, 15,9% relataram renda familiar mensal < 1 salário mínimo; 8,2% possuíam baixa escolaridade (< 4 anos de estudo) e 16,9% não tinham união estável (Tabela 1).

Na alta hospitalar, 20,3% das puérperas não estavam amamentando. Das que realizavam esta prática, 10,9% afirmaram não amamentarem exclusivamente, justificado por: possuir pouco leite (31,1%) ou não estarem em alojamento conjunto com a criança (33,3%), pois os mesmos se encontravam na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal/ Unidade de Cuidados Intermediários Neonatal.

Por outro lado, observou-se que 21,0% das mães relataram dificuldades em amamentar e 22,0% não sabiam os sinais de pega correta do bebê ao seio materno, no entanto, com apenas 2,4% alegando ter dúvidas sobre a prática de lactação. Em relação ao tempo que pretendiam amamentar, 16,4% afirmaram que não amamentariam por mais de 6 meses; 88,8% estavam satisfeitas com a experiência de amamentar e 94,3% referiram gostar de amamentar (Tabela 1).

Ao serem questionadas quanto às vantagens do aleitamento materno, 52,9% as conheciam. Abaixo, seguem as respostas de algumas puérperas sobre essas vantagens:

[...]a volta do útero ao normal; o leite materno é suficiente para a criança, sem ser preciso dar água ou qualquer outra coisa; é importante também para a imunidade da criança (M.C.S.S).

Bom para o crescimento do bebê e para prevenção de doenças (T.L..M).

É bom para a mãe e para o bebê e ajuda a emagrecer (M.M.S.O).

Melhor que o de lata, serve para proteger contra doenças e é mais saudável (G.A.R).

Outros tipos de leite faz mal; não ofertar água, pois o leite é completo (F.R).

Ajuda no crescimento (J.A.S)

Mais saudável que o leite de lata e serve para proteger contra doenças (G.A.F).

DISCUSSÃO

A duração do aleitamento materno pode sofrer interferência de diversos fatores, sendo eles: escolaridade, idade, trabalho materno, condições socioeconômica, conhecimento e experiência materna, crenças e *tabus* (BARBOSA et al., 2009). Neste sentido, avaliar o entendimento das mulheres sobre o aleitamento torna-se essencial, à medida que o profissional de saúde necessita conhecer as necessidades de seus pacientes para que intervenções sejam realizadas de forma condizente a realidade, reduzindo o risco de desmame precoce (DODT et al., 2010).

Neste estudo foi observado que 20,3% das puérperas não estavam amamentando. Diferentemente deste achado, estudo realizado em hospital público referência em atendimento de alta complexidade, localizado no município de Itaúna, verificou que 100% das mulheres entrevistadas estavam amamentando seus filhos na alta hospitalar (CHAVES; LAMOUNIER; CÉSAR, 2007). Semelhante, Moraes et al. estudando os fatores associadas a interrupção precoce do aleitamento materno em hospital de alta complexidade observaram que 95% das mães estavam amamentando no momento da alta hospitalar.

Entre os fatores que estão descritos na literatura e encontrados no presente estudo, o ato de não amamentar sendo justificado por ter “pouco leite” é ainda um dos maiores argumentos do desmame precoce, no qual essa percepção pode ser gerada devido ao desconhecimento, crenças e *tabus* (WAMBACH; COHEN, 2009). Alvarenga et al., a partir de uma revisão sistemática identificaram achados semelhantes ao visto nessa pesquisa, onde as mães utilizaram como principais argumentos para interromper a amamentação o fato de ter uma produção de leite insuficiente (10,2%), leite fraco (17,9%) ou que o leite secou (5,1%).

Tendo em vista que o volume de leite materno pode variar de acordo com diversos fatores, dentre eles a demanda e frequência de sucção e/ou ordenha, estas informações não se sustentam, pois a sucção da mama pelo lactente estimula a secreção de prolactina e ocitocina, hormônios responsáveis pela produção e ejeção do leite. Outro aspecto importante consiste no fato de que

estímulos como visão, cheiro, choro da criança, motivação, autoconfiança e tranquilidade também facilitam a liberação de ocitocina (DA ROCHA GORGULHO; DE ARAÚJO PACHECO, 2008).

A hospitalização de alguns recém-nascidos na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal ou Unidade de Cuidados Intermediários Neonatal configura-se como fator limitante no processo de amamentação, visto que além de alguns sentimentos de dor, estresse, ansiedade, as puérperas precisam se adaptar a uma rotina diferenciada (DA ROCHA GORGULHO; DE ARAÚJO PACHECO, 2008). Esta situação foi observada nesse estudo, podendo ser justificada pelas características do próprio hospital, ou seja, atendimento a gestantes de alto risco, onde é alta a frequência de nascimento de recém-nascidos com complicações e que assim necessitam de cuidados mais intensivos (DA SILVA RABELO et al., 2007).

Outro aspecto que chama atenção nesse estudo é o alto percentual (21,0%) de puérperas que relataram ter dificuldades em amamentar. Em pesquisa realizada em hospital público localizado na zona oeste de São Paulo foi verificada que 30,2% das mulheres também tinham dificuldade para amamentar e quando estas estavam no sexagésimo dia pós-parto apresentaram um percentual de desmame maior quando comparadas com as que não tinham dificuldades (10,9% *versus* 3,3%, $p=0,038$), fortalecendo assim a relação entre ter dificuldade em amamentar e desmame precoce (ROCCI; FERNANDES, 2014).

No que tange aos sinais de pega incorreta ao seio materno, estudo realizado na Suécia observou que crianças em alta hospitalar, com pega equivocada, tinham dez vezes maior chances de receber mamadeira no primeiro mês de vida quando comparadas com as que tiveram a pega correta ou corrigida na maternidade (RIGHARD; ALADE, 1992). O fato de no presente estudo ter sido encontrado um elevado percentual (22,0%) de puérperas que afirmaram não saberem os sinais de pega correta ao seio pode sugerir que a longo ou médio prazo estas mulheres podem manifestar traumas mamilares, mamas ingurgitadas, dores mamárias, infecções e assim desmame precoce (BRASIL, 2009).

Esses achados podem ser um reflexo de falha na assistência de pré-natal, onde evidências apontam que os profissionais de saúde devem promover e incentivar a prática do aleitamento materno com estratégias educativas durante esta fase, preparando a mãe para o período de lactação. (NABULSI et al., 2014). Não amamentar promove impacto negativo não apenas ao binômio mãe-filho, (VICTORA et al., 2016) mas sobretudo, socialmente, pois gera perdas e custos econômicos a longo, médio e curto prazo (ROLLINS et al., 2016).

Ao vivenciar a tomada de decisões em relação ao tempo total no qual é pretendido amamentar, muitas das mães dessa pesquisa alegaram que planejam nutrir os filhos com leite materno por um período menor que seis meses, contrariando a recomendação da Organização da Saúde (OMS), que preconiza que seja exclusivo até os seis meses e de forma complementada até os dois anos de idade (WHO, 2001). Estudo realizado na cidade de São Paulo observou que apenas 22,0% das crianças com seis meses de idade estavam recebendo aleitamento exclusivo (SALIBA et al., 2008). Da Costa Morgado e Loureiro Werneck, em pesquisa realizada no Rio de Janeiro encontraram que apenas 16,0% das crianças com quatro meses de idade estavam sendo amamentadas exclusivamente.

Por outro lado, quando as puérperas foram indagadas a respeito do conhecimento sobre o ato de amamentar, percebeu-se que os depoimentos tenderam a serem similares. As nutrizes referiram que o leite materno é capaz de prevenir doenças e contribui para o crescimento e desenvolvimento da criança. Por outro lado, apesar delas declararem corretamente os benefícios do aleitamento materno, as respostas consideraram apenas os aspectos biológicos, não sendo relatado o entendimento social do ato, em especial o de construir laços e afetividade entre mãe-filho (JUNGES et al., 2010).

Há de considerar que o delineamento do estudo (transversal) está sujeito a limitação para avaliação da visão das puérperas apenas em um único momento e em ambiente hospitalar. Adicionalmente, faz-se necessário um estudo que acompanhe o binômio mãe-filho e que avalie a influência de outras variáveis na percepção das mulheres quanto ao aleitamento materno.

CONCLUSÃO

Boa parte das mulheres conhecia os benefícios do aleitamento materno, porém ainda existem muitas dúvidas, relacionadas as vantagens do aleitamento materno e práticas de lactação. A visão das puérperas deve ser considerada no momento de planejamento de ações, visando melhor adesão à prática do aleitamento materno, evitando o desmame precoce.

REFERÊNCIAS

1. ALVARENGA, Sandra Cristina et al. Factors that Influence Early Weaning. **Aquichán**, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2017.

2. BARBOSA, Marina Borelli et al. Fatores de risco associados ao desmame precoce e ao período de desmame em lactentes matriculados em creches. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 27, n. 3, p. 272-281, 2009.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar. **Caderno de Atenção Básica**, nº 23. Brasília, 2009
4. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal. Brasília: **Editora do Ministério da Saúde**, 2009.
5. CAVALCANTI, Sandra Hipólito et al. Factors associated with breastfeeding practice for at least six months in the state of Pernambuco, Brazil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, n. 1, p. 208-219, 2015.
6. CHAVES, Roberto G.; LAMOUNIER, Joel A.; CÉSAR, Cibele C. Factors associated with duration of breastfeeding. **Jornal de pediatria**, v. 83, n. 3, p. 241-246, 2007.
7. DA COSTA MORGADO, Caroline Maria; LOUREIRO WERNECK, Guilherme; HASSELMANN, Maria Helena. Rede e apoio social e práticas alimentares de crianças no quarto mês de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 2, 2013.
8. DA ROCHA GORGULHO, Fernanda; DE ARAÚJO PACHECO, Sandra Teixeira. Amamentação de prematuros em uma unidade neonatal: a vivência materna. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 12, n. 1, p. 19-24, 2008.
9. DA SILVA RABELO, Maria Zuleide et al. Sentimentos e expectativas das mães na alta hospitalar do recém-nascido prematuro. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 3, p. 333-337, 2007.
10. DODT, Regina Cláudia Melo et al. Perfil epidemiológico das puérperas assistidas em um alojamento conjunto. **Rev. enferm. UERJ**, v. 18, n. 3, p. 345-351, 2010.
11. JUNGES, Carolina Frescura et al. Percepções de puérperas quanto aos fatores que influenciam o aleitamento materno. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 31, n. 2, p. 343, 2010.
12. LEVY, L.; BÉRTOLO, H. MANUAL DE ALEITAMENTO MATERNO, COMITÉ PORTUGUÊS PARA A UNICEF. **COMISSÃO NACIONAL**, 2012.
13. MARQUES, Emanuele Souza; COTTA, Rosângela Minardi Mitre; PRIORE, Silvia Eloiza. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 5, p. 2462-2468, 2011.
14. MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar. **Caderno de Atenção Básica, nº 23**. Brasília: Ministério da saúde, 2009.

15. MORAES, Bruna Alibio et al. Fatores associados à interrupção do aleitamento materno exclusivo em lactentes com até 30 dias. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, 2016.
16. NABULSI, Mona et al. A complex breastfeeding promotion and support intervention in a developing country: study protocol for a randomized clinical trial. **BMC public health**, v. 14, n. 1, p. 36-47, 2014.
17. OLIVEIRA, Mirella Gondim Ozias Aquino de et al. Factors associated with breastfeeding in two municipalities with low human development index in Northeast Brazil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 16, n. 1, p. 178-189, 2013.
18. RIGHARD, Lennart; ALADE, Margaret O. Sucking technique and its effect on success of breastfeeding. **Birth**, v. 19, n. 4, p. 185-189, 1992.
19. ROCCI, Eliana; FERNANDES, Rosa Aurea Quintella. Breastfeeding difficulties and influence in the early weaning. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 67, n. 1, p. 22-27, 2014.
20. ROLLINS, Nigel C. et al. Why invest, and what it will take to improve breastfeeding practices?. **The Lancet**, v. 387, n. 10017, p. 491-504, 2016.
21. SALIBA, Nemre Adas et al. Frequência e variáveis associadas ao aleitamento materno em crianças com até 12 meses de idade no município de Araçatuba, São Paulo, Brazil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, p. 481-490, 2008.
22. VICTORA, Cesar G. et al. Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. **The Lancet**, v. 387, n. 10017, p. 475-490, 2016.
23. VIEIRA, Graciete O. et al. Tendência dos indicadores de aleitamento materno em uma cidade do Nordeste brasileiro. **Jornal de Pediatria**, v. 91, n. 3, p. 270-277, 2015.
24. WALLENBORN, Jordyn T. et al. Knowledge of Breastfeeding Recommendations and Breastfeeding Duration: A Survival Analysis on Infant Feeding Practices II. **Breastfeeding Medicine**, v. 12, n. 3, p. 156-162, 2017.
25. WAMBACH, Karen A.; COHEN, Susan M. Breastfeeding experiences of urban adolescent mothers. **Journal of pediatric nursing**, v. 24, n. 4, p. 244-254, 2009.
26. WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. Report of the expert consultation of the optimal duration of exclusive breastfeeding, Geneva, Switzerland, 28-30 March 2001. 2001.

TABELAS

Tabela 1. Variáveis de caracterização da percepção de puérperas assistidas em uma maternidade escola sobre aleitamento materno. Maceió, Alagoas, 2015.

Variáveis	Total
	N=207 (%)
<hr/>	
<i>Amamentação exclusiva</i>	
Sim	147 (89,1)
Não	18 (10,9)
Sem informação	42
<i>Recém-nascidos na Unidade de terapia Intensiva</i>	
Sim	15 (33,3)
Não	30 (66,7)
Sem informação	162
<i>Não amamentar por achar que tem pouco leite</i>	
Sim	14 (31,1)
Não	31 (68,9)
Sem informação	162
<i>Dificuldades em amamentar</i>	
Sim	37 (21,0)
Não	139 (79,0)
Sem informação	31
<i>Dor nas mamas</i>	

Sim	51 (24,8)
Não	155 (75,2)
Sem informação	1
<i>Pega correta do bebê ao seio materno</i>	
Sim	160 (78,0)
Não	45 (22,0)
Sem informação	2
<i>Tempo que pretendiam amamentar</i>	
<6 meses	34 (17)
>6 meses	133 (66,1)
Até ter leite	27 (13,4)
Até quando a criança quiser	7 (3,5)
Sem informação	6
<i>Dúvidas sobre aleitamento materno</i>	
Sim	5 (2,4)
Não	201 (97,6)
Sem informação	1
<i>Gostar de amamentar</i>	
Sim	182 (94,3)
Não	11 (5,3)
Sem informação	14
<i>Satisfação com a experiência em amamentar</i>	
Sim	166 (88,8)
Não	21 (11,2)

Sem informação	20
<i>Conhecimento das vantagens do aleitamento materno</i>	
Sim	109 (52,9)
Não	97 (46,9)
Sem informação	1
